

O IMPACTO DA VIOLÊNCIA DOMÉSTICA NA CONSTITUIÇÃO DA SUBJETIVIDADE

THE IMPACT OF DOMESTIC VIOLENCE ON THE CONSTITUTION OF SUBJECTIVITY

Adâmatha Meireles Araújo, graduanda em psicologia Faculdades Alfa Unipac,
(adamatha@hotmail.com)

Maria Thereza Nóbrega Pereira Teixeira, Mestre pela Escola Comunicação/ UFRJ
Especialização em Saúde Mental Instituto Psiquiatria UFRJ (mtnpt@hotmail.com)

Resumo

O presente trabalho busca elucidar através da perspectiva psicanalítica freudiana e winnicottiana a importância do ambiente para o desenvolvimento da criança e a constituição da sua subjetividade. Prejuízos psicológicos podem estar ligados a falta de um ambiente suficientemente bom que possa favorecer o desenvolvimento emocional da criança e a configuração de uma subjetividade mais bem integrada. Esse trabalho se inicia trazendo a tona às diferenças entre violência e agressão na perspectiva psicanalítica. Seguindo, é feita uma discussão a respeito dos possíveis impactos dessas violências anteriormente citadas para a constituição dessa subjetividade e por fim, exposta as possibilidades técnicas do profissional de psicologia no acolhimento da criança vítima da violência para a elaboração das dificuldades decorrentes desses traumas sequenciados pela violência doméstica.

Palavras chave: Violência; Falhas ambientais; Constituição subjetiva; Ambiente familiar

Abstract

This paper seeks to elucidate through the Freudian and Winnicottian psychoanalytic perspectives the importance of the environment for the development of children and the constitution of their subjectivity. Psychological damage can be linked to the lack of a good enough environment that can favor the emotional development of the child and the formation of a better integrated subjectivity. This paper begins by bringing out the differences between violence and aggression from a psychoanalytic perspective. After that, a discussion is made about the possible impacts of the aforementioned violence on the constitution of this subjectivity, and finally, the technical possibilities of the psychology professional in welcoming the child victim of violence to elaborate the difficulties arising from these traumas sequenced by domestic violence are exposed.

Keywords: Violence; Environmental failures; Subjective constitution; Family environment

1. Introdução

Ao nascer, a criança é inserida em um ambiente social no qual irá interagir e conseqüentemente constituir-se enquanto sujeito. A família, para alguns, é o primeiro grupo no qual este é inserido. Atualmente o conceito de família tradicional perde espaço e passa a ter diferentes variações em sua configuração dita “tradicional” constituída por homem, mulher e filhos. Hoje podemos ter famílias diversas como a família dita tradicional, como por exemplo, a família monoparental (constituída apenas pelo pai ou constituída apenas pela mãe), ou ainda outros grupos como a família homoafetiva, família ampliada ou família substituta. Importa-nos destacar que é através da relação com o outro humano e dependente dessa relação, tendo ele laços biológicos ou não, que a criança começa a constituir a sua subjetividade. E na dependência da qualidade das suas relações com o ambiente exterior que a subjetividade se constitui de forma mais ou menos integrada. É nessas relações primárias, que surge a possibilidade dele sentir o *Self* como uma unidade, favorecendo a capacidade dele diferenciar o seu interior do exterior.

Ressaltando, que para a psicanálise, é importante a existência de um adulto capaz de desenvolver a função parental independente de sua configuração familiar ou ligação sanguínea com o bebê.

Quando a criança se desenvolve em um ambiente emocionalmente estável, portanto, não violento, isso possibilitará a ela ter maior capacidade de trabalhar em si suas perdas e frustrações e administrar bem os seus sentimentos. Consegue se relacionar melhor com o seu meio e desenvolve relações mais estáveis. Entretanto quando o ambiente do qual a criança está inserida é conflitante e afeta o desenvolvimento da criança, isso pode trazer dificuldades para a sua constituição enquanto sujeito

A violência como vemos atualmente, é disseminada através das relações sociais e interpessoais que implicam em uma relação de poder. Sendo repassada culturalmente de geração em geração e recobre todas as camadas sociais de forma sutil e profunda ao ponto de, em partes, serem vistas como aceitável ou natural a evolução do ser humano, onde o mais forte vence o mais fraco.

Com o passar dos anos, a violência começou a ser vista com maior visibilidade pelos mais diferentes setores da sociedade, onde tem se tornado pauta a fim de identificar fatores e soluções para o enfrentamento desse problema social.

A violência contra a criança no ambiente familiar ou parental adquire uma preocupação especial por se tratar de uma violência que pode ser naturalizada e, por muitas vezes, ocultada pelos próprios cuidadores e pela própria criança.

No Brasil, a violência contra a criança é tratada como um problema de saúde pública, sendo um fato que desencadeia uma crescente mobilização para os direitos e proteção para as crianças, buscando oferecer condições ambientais para um desenvolvimento mais saudável.

A violência doméstica pode ser um dos fatores que prejudicam o desenvolvimento subjetivo da criança podendo acarretar consequências que são de curto a longo prazo e que comprometem tanto a saúde mental quanto a física da criança.

Partindo desse pressuposto, o trabalho em questão visa discutir: Qual o impacto que a violência doméstica acarreta na constituição subjetiva?

Baseado na abordagem psicanalítica, o presente trabalho baseia-se principalmente nas teorias de Donald Woods Winnicott e Sigmund Schlomo Freud para discutir a problemática.

Winnicott (1963) aborda em seus estudos sobre a importância de um ambiente estável para que o bebê possa compreender e separar o seu "eu do não-eu". Para ele, a mãe exerce função de tamanha importância, desde os primeiros momentos onde a criança não sabe se diferenciar do mundo externo, até o momento em que o indivíduo se reconhece como subjetivo e o ambiente que o cerca separado dele. Para Winnicott (1963), quando o processo de desenvolvimento ocorre de forma a atender suficientemente bem as necessidades do bebê, isso dá condições para que ele se separe do meio. Winnicott afirma que "o indivíduo normal não se torna isolado, mas se torna relacionado ao ambiente de um modo que se pode dizer serem o indivíduo e o ambiente interdependentes" (Winnicott, 1963, p. 80).

Dessa forma, compreende-se a necessidade de um ambiente suficientemente bom que favoreça adequadamente o sentido de continuidade da existência. De forma que não falhe para além da capacidade dessa criança em suportar tais falhas.

Quando o ambiente não é adequado, pode acarretar possíveis consequências para o desenvolvimento, como exemplo a psicose – descrita por Freud (1923) como um conflito entre o eu e o mundo externo, do qual ocorre o afastamento da realidade-, o falso *Self* – que segundo Winnicott é a expressão pessoal do sujeito que aprendeu com as expressões e instruções externas, como as da mãe, onde as

vontades e espontaneidades do sujeito são oprimidas pela vontade da mãe - e tendências antissociais – que para Winnicott (1958/1999) ocorre quando há uma privação que ocorreu no passado da criança, ocasionando uma diferenciação mínima do eu com a realidade.

Diante disso, o presente estudo problematiza possíveis impactos causados pela violência ambiental na constituição da subjetividade, trazendo à tona duas visões teóricas psicanalíticas e inserindo-as como argumentativas ao trabalho aqui exposto.

2. Metodologia

Será feita uma pesquisa exploratória, através de livros, artigos e vídeos, a fim de problematizar as questões abordadas nesse trabalho. O estudo desse artigo terá sua fundamentação baseada na perspectiva psicanalítica freudiana e winnicottiana, pela significativa importância suas ideias e teorias no que toca esse tema.

Para isso, serão utilizadas fontes secundárias tais como trabalhos acadêmicos, livros, artigos, vídeos e afins que fazem referência aos possíveis impactos causados na constituição da subjetividade da criança após sofrer os mais variados tipos de violência ambiental e o papel do profissional de psicologia frente a isso.

As fontes utilizadas na pesquisa serão datadas do ano de 2011 até os dias atuais. Exceto os autores clássicos: Sigmund Freud, Donald Winnicott e Melanie Klein

Para a presente pesquisa utilizou-se os seguintes descritores: Violência; Falhas ambientais; Constituição subjetiva e Ambiente familiar.

O estudo terá caráter qualitativo, cujo estudo se baseia em pesquisa bibliográfica, visto que este favorece uma maior liberdade na análise dos dados observados, possibilitando, assim, uma maior variedade de respostas sobre o objeto estudado.

3. Referencial Teórico

3.1 Agressividade e Violência

Em um contexto socio-histórico, a violência e a agressividade são vistas como formas fenomênicas de expressão alterada. Sendo assim, pensar sobre atos violentos e de agressão na atualidade nos faz deparar com a realidade de que ocorre em todos os estágios da vida, em todos os momentos do cotidiano, com situações vivências que facilmente são carregadas de atos violentos ou agressivos. Seja na rua, no contexto familiar, nas relações sociais, a violência se mostra escancarada e, muitas vezes, naturalizada.

Segundo a OMS (2020), a violência pode ser entendida como o uso de força física ou poder, em ameaça ou na prática, contra si próprio, outra pessoa ou contra um grupo ou comunidade que resulte ou possa resultar em sofrimento, morte, dano psicológico, desenvolvimento prejudicado ou privação.

Segundo a Lei Maria da Penha (lei nº 11.340, de 7 de agosto de 2006), Capítulo II, art. 5º e 7º, a violência doméstica é definida como “qualquer ação ou omissão baseada no gênero que lhe cause morte, lesão, sofrimento físico, sexual ou psicológico e dano moral ou patrimonial [...] Sendo distinguidos como a violência física, psicológica, moral, sexual e patrimonial – Capítulo II, art. 7º, incisos I, II, III, IV e V. ”

Quando pensamos a respeito da violência doméstica e intrafamiliar contra a criança e adolescente, é fato que muitos esforços tem sido feitos para reduzir essa violência. Porém mesmo com leis de amparo e proteção, com medidas educativas e políticas que proporcionem os direitos fundamentais da criança, ainda há muito que ser feito.

Baseado em uma pesquisa feita em 2017 pela *Ending Violence in Childhood: Global Report*, realizada no Brasil, aponta que 58,9% das denúncias recebidas pela Ouvidoria Nacional de Direitos Humanos, via canais como o Disque 100, são referentes a algum tipo de violência contra crianças e adolescentes. Só em 2017, foram 84.049 denúncias do tipo. No ano anterior, haviam sido 76.171. Os principais tipos de violências denunciadas são: negligência (61.416), violência psicológica (39.561) e violência física (33.105). 7% dos casos de violência contra crianças e adolescentes denunciados acontecem dentro da casa da vítima.

Com isso, observa-se que apesar dos avanços em prol da diminuição da violência contra a criança e o adolescente, os casos ainda são relevantes e os dados preocupantes. Visto que a violência doméstica acontece de forma discreta, a

vítima possui vínculo emocional com os possíveis agressores e o medo de denunciar proporciona a criança mais angustias e medos em relação a si e ao futuro.

A psicanálise, por sua vez, traz uma diferente definição do que entende por agressividade e traz diferentes ideias a respeito da violência.

Vendo sob um olhar psicanalítico, a agressividade é um componente que constitui o psiquismo, estando na ordem do inevitável, do necessário para a existência individual e desenvolvimento emocional.

Para Winnicott, a agressividade que alguns bebês manifestam, desde o início, nunca é uma questão exclusiva da emergência de instintos agressivos primitivos e "nenhuma teoria válida sobre a agressividade poderá ser construída sobre premissa tão falsa" (Winnicott, 1957d, p. 90).

Para Winnicott, a agressividade está relacionada ao movimento corporal onde o bebê passa a identificar o meio interno do meio externo estabelecendo o que é e o que não é o *Self*.

Assim, podemos perceber que é essencial a agressividade para se conhecer o externo. O bebê se movimenta de forma agressiva a fim de conhecer o ambiente, e para que esse "potencial agressivo" possa surgir de forma equilibrada é necessário que o externo ofereça oposição ao bebê e, assim, ele transforma sua vitalidade em agressividade. Entretanto é necessário que essa oposição seja feita de forma equilibrada, pois o excesso dela faz com que ocorra a inibição do processo instintual da agressividade.

Na visão de Winnicott, o desenvolvimento infantil dispõe de três processos fundamentais: a integração, a personalização e a realização. Para ele, o bebê não nasce integrado, mas através dos cuidados maternos que acarretam na satisfação instintual que o bebê consegue agregar a personalidade.

Assim, o processo de integração do Eu pode ser entendido como a percepção do bebê como sujeito onde tem a experiência de si, denominada como *Self*.

Para o bebê, primeiramente vem o "Eu", que vai entender todo o resto como o "não eu", depois "vem 'eu sou, eu existo, adquiero experiências, enriqueço-me e tenho uma interação introjetiva e projetiva com o não eu, o mundo real da realidade compartilhada." (WINNICOTT, 1979/1983, p. 60).

Assim, entendemos a importância da mãe e do ambiente como facilitadores do processo de integração do Eu. Winnicott chama a preocupação materna primária e tal suporte nos primeiros momentos de vida do bebê como "mãe suficientemente boa", por ser o momento em que o bebê recebe suporte e acolhimento do meio.

Através desse processo o bebê entende o processo de sentido da continuidade da vida, e ali emerge o verdadeiro *Self*, o verdadeiro Eu.

Na personalização, de acordo com Winnicott (1958), o bebê desenvolve o sentimento de estar dentro do próprio corpo. Esse processo ocorre mediante os cuidados maternos, onde ocorre a fusão da psique e do corpo. Quando não ocorre essa inserção da psique, pode ocorrer a despersonalização, quando a criança não entende como unidade a mente e corpo.

No processo de realização ocorre a habilidade de tempo e espaço. Onde o ambiente se torna fundamental para o desenrolar do processo de constituição da saúde psíquica.

Com isso, compreendemos a importância de uma mãe suficientemente boa e um ambiente suficientemente bom para que o bebê possa se perceber enquanto sujeito e alcance através do *holding*¹ e *handling*² a personalização.

Com isso, percebemos que um ambiente favorável e uma mãe suficientemente boa proporcionam o desenvolvimento das principais funções do Eu. Entretanto quando a criança é privada de cuidados e de um ambiente suficientemente bom, o desenvolvimento pode vir a ser bloqueado ou distorcido, acarretando possíveis distúrbios psíquicos posteriormente aqui discutidos. Ou seja, como já foi dito anteriormente, um ambiente que deixa falhas para além do suportável para o bebê.

A partir dos fundamentos anteriormente citados, compreendemos que quando o ambiente é favorável para que a criança possa perceber essa manifestação, essa agressividade é integrada ao psiquismo e futuramente sublimada para seus relacionamentos sociais e interpessoais como trabalhos, relacionamentos e afins. Quando ela não se integra ao psiquismo, ela pode ser escondida através do autocontrole ou ela é cindida do *Self*, acarretando possíveis reações antissociais, compulsões, e a própria violência.

¹ O *holding* faz referência ao cuidado ao cuidado absoluto do bebê nos primeiros momentos da vida. Onde a mãe alimenta, limpa, protege e cuida do bebê de forma integral, gerando um conjunto de comportamentos afetivos. O *holding* é fundamental no desenvolvimento das tendências hereditárias do bebê e é nesse processo de *Holding* que ocorre a continuidade do ser com a integração de parte do *Self*. É onde o bebê começa a se sentir real.

² O *handling* corresponde ao manuseio do bebê, fazendo referência a *Hand* (mão em português). São os cuidados físicos com a criança como banhos, trocas, amamentação e outros. Nesse processo que o bebê passa a diferenciar o Eu do não-Eu, através da realidade interna e seu corpo e assim reconhecer sua própria psiquê.

Sob um viés psicanalítico, podemos pensar a violência enquanto a sua lesividade, sua intensidade, pela sua forma implícita ou explícita, observando não apenas a violência como ato, mas a representação dela para aquela pessoa que sofreu a violência em si. Ou seja, existem dois pólos, de um lado tem a intensidade coercitiva que usa de uma forma que pode causar uma experiência psíquica de variáveis intensidades em quem sofre a ação, e do outro lado temos a natureza da representação que pode ou não envolver essa força coercitiva dando a ela ou não o caráter de violência. Então, para Winnicott, o sujeito que não integra a agressividade tende a se tornar um alguém violento. (Winnicott, 1987)

Partindo dessa perspectiva, entendemos a agressividade como uma pulsão. Quando a agressividade é integrada, o indivíduo consegue se separar do mundo e entender a diferença entre o Eu do não- Eu. A agressividade, para Winnicott pode ser definida como a força pulsional que faz o indivíduo buscar seu estar no mundo e se constituir enquanto ser subjetivo.

De outra maneira, nos escritos de Freud, a violência é identificada como estando relacionada a pulsão de morte.

Nos escritos de Freud, como o texto Além do Princípio do Prazer (1920), a violência é vista em conceitos como a pulsão de morte, de forma destrutiva Em Mal estar na civilização (1930), entende-se as pulsões destrutivas como sendo responsáveis por esse mal estar. Assim, podemos relacionar, baseado nesses dois textos, que Freud coloca a agressividade identificada com uma violência. Logo, na perspectiva freudiana, a violência era identifica ora como agressividade ora como algo dominável através das leis e da civilização.

Para Freud a agressividade surge pelas frustrações externas que a criança sofre após a castração.

A agressividade compõe o psiquismo e é manifestação da pulsão de morte, contraposta à pulsão sexual ambas exigindo um arranjo subjetivo entre o eu e o super eu, o qual tem que dar conta do circuito pulsional ao peso de ideais identificatórios da cultura. A cultura impõe restrições à agressividade, e a sexualidade é uma dessas barricadas contra os desejos de destruição, seja pensada em termos de fusão pulsional, seja como uma formação defensiva (FREUD, 1930, p. 134).

Melanie Klein, posteriormente coloca como constitutivo o instinto agressivo e não a violência propriamente dita. Na Teoria das relações objetais de Klein ela teoriza que nos primeiros meses de vida a criança fantasia o mundo externo como mau por não lhe proporcionar o mesmo prazer que o seio da mãe. Assim, ele

entende o meio externo como aterrorizante (Klein, 1996). Então para ela, a criança não entende o ambiente externo como gratificante por não lhe proporcionar o prazer do seio materno. Assim, cria-se a frustração e conseqüentemente reações agressivas por parte da criança. Ou seja, essa teoria se aplica sobre uma representação que é inata e que a criança fantasia representações objetais, e a agressividade colocada como inata.

Winnicott por sua vez diverge desse conceito por não concordar que a raiz da agressividade estava ligada ao contato com a realidade, mas entender a agressividade como forma de amadurecimento. E ele também discordava da idéia de que a agressividade era expressada por sentimentos como ódio, raiva, inveja, entre outros, sendo entendida como uma pulsão sempre destrutiva. Winnicott via a agressividade não somente ligada aos instintos inatos, mas citando a importância do ambiente nos estágios iniciais da vida. Para ele a relação de dependência com a mãe e a vulnerabilidade do bebê com o externo são importantes para a integração ou não da agressividade.

Indivíduos que tem um ambiente propício para esse desenvolvimento, com condições adequadas conseguem seguir o seu curso de desenvolvimento que leve a uma melhor integração egoica. Assim, entende-se que a constituição da subjetividade se define através de um ambiente facilitador ou não. Onde não somente o bebê reage ao ambiente, mas como o ambiente também reage ao bebê.

Baseado nesse olhar para a violência ambiental, compreende-se a importância do ambiente como primordial para o amadurecimento do indivíduo. Assim, nesse trabalho trata-se de avaliar a violência ambiental como possibilidade de ruptura de um ambiente acolhedor tão necessário para o desenvolvimento subjetivo da criança.

3.2 Impactos da violência na subjetividade

Como já foi dito, os impactos na vida das crianças e adolescentes ocorrem na construção da sua subjetividade.

Winnicott (1954), ao falar do desenvolvimento, também descreve as patologias associadas à falta de um ambiente e de uma mãe suficientemente boa no desenvolvimento do bebê para a constituição da sua subjetividade. Quando ocorrem falhas ambientais e da mãe ou cuidador de forma mais intensa, há a possibilidade

do desencadeamento de desordens psíquicas mediante aos mais diversos mecanismos de defesa do sujeito.

Quando há a falha da “mãe suficientemente boa” para o processo de desenvolvimento do Eu, principalmente no processo do *Holding*, o bebê pode vir a desenvolver angústias de diferentes intensidades, representadas pela ameaça de aniquilação. Quando a mãe é "insuficientemente boa", o processo de integração sofre falhas que acarretam em possíveis distúrbios psíquicos. Winnicott foca em três principais, sendo eles: a psicose, o falso *Self* e as tendências antissociais.

Sob a perspectiva Winnicottiana, a "Psicose é uma doença de deficiência do ambiente" (Winnicott, 1963b/1983, p. 231). Ou seja, devido a essa falha ambiental ocorre a falta de sustentação do Ego e com isso a psicose se configura como uma forma de proteção do *Self*. Assim, temos a psicose como uma falha nos processos de maturação que acarretam em uma dificuldade da criança em compreender e elaborar seu crescimento emocional, logo o processo de integração do indivíduo sofre falhas.

O falso *Self*, que tem como função a proteção do verdadeiro Eu, ocorre quando a mãe falha em suprir as necessidades do bebê, impondo a ele as suas próprias necessidades. Assim, o bebê constrói seu *Self* a partir de um ser falso, o falso *Self*. O sujeito passa a ter atitudes não autênticas ligadas a experiências exteriores, e não manifesta sua própria espontaneidade no funcionamento mental, e vivendo de forma a se fundir ao ambiente., assim a criança se adequa ao meio de forma positiva ou negativa de forma a interagir com o ambiente de forma especular.

Winnicott afirma sobre o falso *Self* que “quando tudo o que importa e é real, pessoal, original e criativo, permanece oculto e não manifesta qualquer sinal de existência, (...) o indivíduo não se importaria, de fato, de viver ou morrer” (Winnicott, 1975, p. 99).

A criança pode, também, vir a desenvolver tendências antissociais onde o indivíduo tem uma falsa esperança de retornar a aquilo que foi perdido. Nessa patologia a criança pode chegar a experienciar um ambiente favorável e uma boa relação com o objeto. Mas em algum momento ocorre a deprivação dos cuidados ambientais. Conseqüentemente isso gera no bebê um sentimento de quebra na continuidade da existência e a criança passa, a todo o momento, querer reaver uma estabilidade antes conquistada (WINNICOTT, 1979/1989).

O sujeito antissocial tende a esperar do outro que ele o corrija ou o

reconheça, buscando no ambiente uma atenção a qual ele perdeu.

Winnicott afirma sobre a tendência antissocial:

A tendência antissocial implica esperança. A ausência de esperança é a característica básica da criança que sofreu privação que, e claro, não está sendo antissocial o tempo todo. No período de esperança a criança manifesta a tendência antissocial. Isso pode ser constrangedor para a sociedade em geral e para você, se a sua bicicleta e que foi roubada, mas aqueles que não estão pessoalmente envolvidos podem discernir a esperança subjacente na compulsão para roubar. Talvez uma das razões por que tendemos a deixar para outros a terapia do delinquente seja o fato de nos desagradar sermos roubados. (WINNICOTT, 1984/1999, p. 139, grifo do autor).

Em casos mais complexos, a criança pode vir a sofrer com formas de delinquência

Segundo Freud, o Ego utiliza de alguns mecanismos de defesa que servem como barreiras de autopreservação a fim de proteger o indivíduo de situações consideradas intoleráveis ao indivíduo. Citemos algumas delas: negação, repressão, dissociação, despersonalização, identificação com o agressor, conversão, etc.

Em algumas situações, a criança nega seus sentimentos e emoções a fim de evitar sentir a dor do abandono e da humilhação.

Também, Freud, ao tratar do narcisismo, ele fala da importância da relação materna com o bebê.

Ao pensar em relação ao narcisismo, Freud (1914/1990a) traz o conceito de que este faz parte da constituição do eu e do objeto. Pensando sobre a maternidade, o bebê têm dois objetos sexuais originários, o primeiro denominado de anaclítico (que seria o de apoio voltado ao cuidador), e o segundo seria o narcísico (voltado a ele mesmo) sendo ambos inversamente proporcionais.

A partir dessas considerações, vale ressaltar que para o bebê diferenciar essas duas posições de desejo, ele precisa anteriormente ser um objeto de investimento libidinal e posteriormente se tornar um corpo auto-erótico.

Nesse sentido, a mãe ou cuidador investe sobre o bebê tamanha ação libidinal e este também investe na mãe como sendo ele e cuidador, um só.

Freud (1914/1990a) refere que: O comovedor amor parental, no fundo tão infantil, não é outra coisa que o narcisismo ressuscitado dos pais que, em sua transmutação ao amor de objeto, revela sua primitiva natureza (p. 88).

Assim, o bebê precisa, para o desenvolvimento do eu, o investimento das pulsões libidinais dos pais. Ou seja, para que o bebê assuma uma identificação, é

preciso que ocorra o espelhamento dos Outros maternos nesse bebê.

Winnicott pressupõe que o rosto da mãe seria o espelho do bebê.

O bebê, quando mama, não olha para o seio, mas para o rosto da mãe e, mais especificamente, para o olhar materno. Nesse sentido, o autor sugere “que, geralmente, [o bebê] enxerga a ele mesmo. Em outras palavras, a mãe o olha e, o que ela parece, relaciona-se com o que vê nele” (Winnicott, 1972, p. 148).

Logo, quando a mãe não corresponde esse olhar do bebê, este não enxerga a si mesmo. Assim, para que um sujeito invista libidinalmente em um objeto, ele precisa, originalmente, ter sido investido por um Outro passando por uma posição de objeto.

Por fim, o atraso cognitivo no desenvolvimento da criança também pode ser consequência de severas falhas ambientais.

Assim, a criança que convive em um ambiente hostil e desequilibrado pode ser afetada diretamente na aprendizagem já que os aspectos cognitivos são interligados com os aspectos afetivos, tais como a espontaneidade e da criatividade abordadas por Winnicott. Com isso, quando um é afetado, conseqüentemente se afeta o outro.

3.3 O papel do psicólogo na intervenção do indivíduo.

O papel do psicólogo e da psicoterapia nesse contexto, é de suma importância para que o sujeito possa compreender através da escuta e da significação de suas atitudes agressivas ou mesmo de suas queixas.

Baseado na perspectiva de Winnicott, podemos pensar em uma abordagem clínica que seja pautada no cuidado, com o enfoque no *Holding* e a sustentação. Winnicott expõe a necessidade de uma equipe de profissionais que façam a escuta desse sujeito que sofreu privação ou a deprivação de forma genuína a fim de lidar com as experiências desse sujeito de forma espontânea.

Winnicott afirma que:

A autenticidade e a espontaneidade estão relacionadas com o processo de amadurecimento psíquico de cada um, com a possibilidade que cada um teve de experimentar sua criatividade originária desde o início da vida. Isso só é possível quando a mãe é “suficientemente boa” e proporciona ao bebê condições necessárias para um desenvolvimento saudável (Winnicott, 1971/1975) (p. 186).

Assim, o atendimento assistencial precisa ser feito de forma que o

ambiente oferecido seja acolhedor na relação com o terapeuta, diferente do ambiente vivenciado pela criança anteriormente na relação familiar, onde a criança possa desenvolver suas potencialidades e ser acolhida de forma efetiva.

Segundo Pedroso, Lobato e Magalhães (2016) enfatizam a potencialidade da criança em desenvolver potencial inato, porém é necessário fatores ambientais positivos para esse desenvolvimento. Baseado na teoria do desenvolvimento emocional primitivo, é necessário um ambiente suficientemente bom com cuidados suficientemente bons. Logo, a instituição de acolhimento deve funcionar como ambiente facilitador, de modo a propiciar um novo recomeço.

Existem, nos programas de Saúde da família, ações que visam à interação entre profissionais de saúde e o contexto familiar no qual ocorre a violência. Com isso, o indivíduo tem o apoio de uma equipe multidisciplinar que atuará com medidas preventivas e atendimentos às vítimas de violência, integrando intervenções que zelem pela integridade e pelos direitos das vítimas recorrendo a medidas protetivas e terapêuticas.

Nas intervenções psicológicas, é feito o atendimento individual a fim de identificar as falhas ambientais e, por conseguinte reelaborar a experiência dolorosa. Ressaltando a importância de respeitar o tempo desse indivíduo e buscando ser o mais acolhedor e sensível, fazendo com que ele reconstrua a confiança em si mesmo e desenvolva-se emocionalmente (Rotondaro,2005).

É importante ressaltar a importância de um trabalho clínico que vise a retomada da constituição de si. Onde as falhas ambientais e maternas sofridas sejam trabalhadas e o profissional ofereça a esse sujeito o *holding* e o suporte para um ambiente suficientemente bom, se adaptando as necessidades do sujeito a fim de favorecer o surgimento do Ego mais bem estruturado.

Na psicanálise, é importante que o terapeuta auxilie no processo de simbolização da criança, que mediante a violência doméstica sofre danos, assim é possível que a criança ressignifique as experiências pessoais dolorosas. Com isso, se oferece possibilidades a elaborar sentimentos ambivalentes como o de amor e ódio.

Por fim, é possível auxiliar para que a criança se veja como um ser real, que entenda suas limitações e seja capaz de se desenvolver melhor emocionalmente e psicologicamente.

Por conseguinte, concluímos que ter um ambiente familiar suficientemente

bom é fator imprescindível para que a criança e adolescente desenvolvam uma personalidade mais estável, onde ela possa desenvolver suas potencialidades, se desenvolver cognitivamente, afetivamente, emocionalmente e psicologicamente de forma saudável, por ser uma fase crucial para o desenvolvimento dessas.

É de suma importância a atenção ao tratamento de crianças e adolescentes vítimas dos mais variados tipos de violência a fim de reduzir os danos causados em sua estrutura psíquica e em sua personalidade a fim de para que propicie condições para se tornarem adultos mais criativos, saudáveis e responsáveis na relação com outro.

4. Considerações finais

A violência contra a criança ocorre principalmente no ambiente familiar por meio de pessoas que deveriam oferecer um ambiente suficientemente bom para o desenvolvimento do bebê. Por ser um ambiente íntimo e difícil de ser observado, a violência contra a criança é, por muitas vezes, naturalizada e ocultada pelos próprios cuidadores.

A agressividade definida por Winnicott, sobre o bebê, difere da ideia de agressividade do senso comum por se tratar de uma ação que constitui o psiquismo, sendo necessária para o desenvolvimento emocional, onde o bebê passa a conhecer o ambiente por meio desses movimentos agressivos, como mexer pés e mãos. Com isso, ele identifica o que é e o que não é o Self.

O ambiente familiar é de suma importância para que a constituição do sujeito aconteça de forma mais ou menos integrada. Uma vez que é através desse ambiente que o bebê compreende o Eu do Não-Eu.

A mãe suficientemente boa também exerce fundamental importância por ser, através dela que o bebê conhece o externo e têm as suas primeiras experiências de vida e posteriormente entende o sentido de continuidade da vida.

Vale ressaltar que para a psicanálise, o que ela chama de mãe suficientemente boa e de grupo familiar independe da consanguinidade. Mas aqui vale-se de um adulto que seja capaz de oferecer a função de parentalidade a essa criança, favorecendo a sua integração e possibilitando um ambiente sem falhas, onde o bebê possa emergir o verdadeiro eu, o verdadeiro Self.

Quando esse ambiente familiar é falho e a mãe é insuficientemente boa, o bebê pode desencadear desordens psíquicas. Aqui citamos três principais citadas por Winnicott: a psicose, o falso Self e as tendências antissociais.

O narcisismo é importante para a configuração do bebê primariamente como objeto de desejo e posteriormente como corpo auto-erótico. E a mãe surge como sujeito que investe no bebê a ação libidinal a fim de que o bebê assuma uma identificação e posteriormente se veja como Eu e a mãe como objeto externo a ela.

Quando ocorre esses impactos na vida da criança. O psicólogo surge a fim de auxiliar essa criança a ressignificar essas falhas ambientais, focando no cuidado, no Holding e na sustentação. Por isso a importância de um ambiente acolhedor e suficientemente bom, que se diferencie do ambiente vivenciado pelo sujeito numa relação familiar insuficientemente boa da qual deixa falhas profundas que impossibilitam um desenvolvimento subjetivo de forma equilibrada.

Vale ressaltar que nas políticas públicas existem serviços de proteção e de apoio a essas crianças, como nos programas de Saúde da família.

Busca-se, nesse ambiente terapêutico, propiciar a reconstrução da percepção de si como ser real a fim de desenvolver melhor emocionalmente e psicologicamente suas capacidades, tornando-se adultos mais criativos, saudáveis e responsáveis nas suas relações.

Referências

DAHLBERG, Linda L.; KRUG, Etienne G. **Violência: um problema global de saúde pública. Ciência & Saúde Coletiva**, v. 11, p. 1163-1178, 2006.

DIAS, Elsa Oliveira. **Winnicott: agressividade e teoria do amadurecimento. Natureza humana**, v. 2, n. 1, p. 9-48, 2000

Ferrari, A. G., Picinini, C. A., & Lopes, R. S. (2007). **O narcisismo no contexto da maternidade: Algumas evidências empíricas. Psico**, 37(3). Recuperado de <https://revistaseletronicas.pucrs.br/index.php/revistapsico/article/view/1448>

FREUD, Sigmund. **Além do princípio do prazer (1920)**. Cienbook, 2020.

.FREUD, Sigmund. **O mal-estar na civilização (1930)**. Cienbook, 2020.

LIMA, Julia Coutinho Costa. **Subjetividade na teoria de Winnicott: internalidade, externalidade e o espaço transicional**. *Rev. bras. psicanál*, São Paulo, v. 45, n. 2, p. 119-126, jun. 2011. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0486-641X2011000200020&lng=pt&nrm=iso. acessos em 21 abr. 2021.

OLIVEIRA, Fernanda de Sá. **A negligência infantil na perspectiva da psicanálise winnicottiana**. Universidade Federal Fluminense. Rio de Janeiro, 17 de junho de 2017. Disponível em <https://app.uff.br/riuff/handle/1/6917?mode=full>

PIASSA, Caroline; Regiane Bueno Araújo, Chayany Ferreira Danguí. **Reflexo da Violência doméstica nas crianças e adolescentes**. Jus, Junho de 2018. Disponível em <https://jus.com.br/artigos/68912/reflexo-da-violencia-domestica-nas-criancas-e-adolescentes> Acesso em 11 Jun 2020

ROSAS, Fabiane Klazura; CIONEK, M. I. G. D. **O impacto da violência doméstica contra crianças e adolescentes na vida e na aprendizagem**. *Conhecimento Interativo*, v. 2, n. 1, p. 10-5, 2006.

SEI, Maíra Bonafé. **Abrindo espaço para o ser: Winnicott e a ludoterapia no contexto da violência familiar**. *Psyche*, v. 12, n. 22, p. 199-214, 2008.

SILVA, Lygia Maria Pereira da. **VIOLÊNCIA DOMÉSTICA CONTRA A CRIANÇA E O ADOLESCENTE**. Recife: EDUPE, 2002.

SOUSA, Ana Carolina Pereira de; Sandra Nazaré Pimenta Silva. **Violência Doméstica Infantil**. *Psicologado*, [S.l.]. (2015). Disponível em <https://psicologado.com.br/atuacao/psicologia-clinica/violencia-domestica-infantil>. Acesso em 11 Jun 2020.

TEIXEIRA, Priscila de Almeida. **Crianças e adolescentes vitimizados e instituições de acolhimento: uma discussão sobre a abordagem de Winnicott**.

VIANNA, Ingrid da Silva. **Notificação de violência contra crianças: expressões da análise da produção do conhecimento.** Porto Alegre. 2021

The screenshot displays the CopySpider Scholar web application interface. The browser address bar shows the URL: https://files.copyspider.com.br/scholarfree/view/showStudyInCS3.php?&cfa=2ac4ef7097f4bc5eb32607f348df13caa12609018&changeLang=pt_br. The page title is "CopySpider Scholar | Análise". The interface includes a navigation bar with "CopySpider Scholar", "Apolar o CopySpider", and "Português" (with a dropdown arrow) and "Login". Below the navigation bar are buttons for "Exportar relatório", "Exportar relatório PDF", "Visualizar", and "Gerador de Referência Bibliográfica (ABNT, Vancouver)".

The main content area shows the analysis of the document "tcc concluido.docx (29/05/2021)". On the left, there is a list of "Documentos candidatos" with their respective similarity percentages:

- e-publicacoes.uerj.b... [1,45%]
- pepsic.bvsalud.org/s... [1,15%]
- repositorio.ufmg.br/... [1,11%]
- bibliodigital.unijui... [1,04%]
- pepsic.bvsalud.org/s... [1,01%]
- bvsm.s.saude.gov.br/b... [0,8%]
- rbp.celg.org.br/deta... [0,75%]
- bvsm.s.saude.gov.br/b... [0,65%]
- tcd.ie/disability/as... [0,1%]
- amazon.com/Treatment... [0%]

The central table displays the analysis results for the input file "tcc concluido.docx (5184 termos)":





Arquivo encontrado	Total de termos	Termos comuns	Similaridade (%)
e-publicacoes.uerj.b...	4561	140	1,45
pepsic.bvsalud.org/s...	4786	114	1,15
repositorio.ufmg.br/...	35711	451	1,11
bibliodigital.unijui...	9487	152	1,04
pepsic.bvsalud.org/s...	5631	109	1,01
bvsm.s.saude.gov.br/b...	5693	87	0,8
rbp.celg.org.br/deta...	5964	83	0,75
bvsm.s.saude.gov.br/b...	56025	398	0,65
tcd.ie/disability/as...	766	6	0,1
amazon.com/Treatment...	2315	0	0

On the right side of the interface, there is a red advertisement for Adobe Acrobat Pro DC, titled "Colete assinaturas eletrônicas com o Adobe Acrobat Pro DC." and featuring a "Avalie grátis" button.


The Windows taskbar at the bottom shows the system tray with the date "29/05/2021" and time "18:58".

Faculdade Presidente Antônio Carlos de Teófilo Otoni

FICHA DE ACOMPANHAMENTO INDIVIDUAL DE ORIENTAÇÃO DE TCC

Atividade: Trabalho de Conclusão de Curso – Artigo/Monografia. Curso: Psicologia Período: 10 ° Semestre: 1° Ano: 2021		
Professor (a): Maria Thereza Nóbrega Pereira Teixeira		
Acadêmico: Adâmatha Meireles Araújo		
Tema: O Impacto da Violência Doméstica na Constituição da Subjetividade		Assinatura do aluno
Data(s) do(s) atendimento(s)	Horário(s)	
09/04/2021	08:00 horas às 09:00 horas	
23/04/2021	08:00 horas às 09:00 horas	
21/05/2021	08:00 horas às 09:00 horas	
24/05/2021	08:00 horas às 09:00 horas	
Descrição das orientações: Através das reuniões foram orientados materiais para consultas sobre o conteúdo do artigo, além de sanar dúvidas em relação ao conteúdo, ortografia e abordagem da qual foi utilizada para a elaboração do artigo.		

Considerando a concordância com o trabalho realizado sob minha orientação, **AUTORIZO O DEPÓSITO** do Trabalho de Conclusão de Curso do (a) Acadêmico (a) Adâmatha Meireles Araújo.



Assinatura do Professor